

VESTÍGIOS – Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica
Volume 17 | Número 2 | Julho – Dezembro 2023
ISSN 1981-5875
ISSN (online) 2316-9699

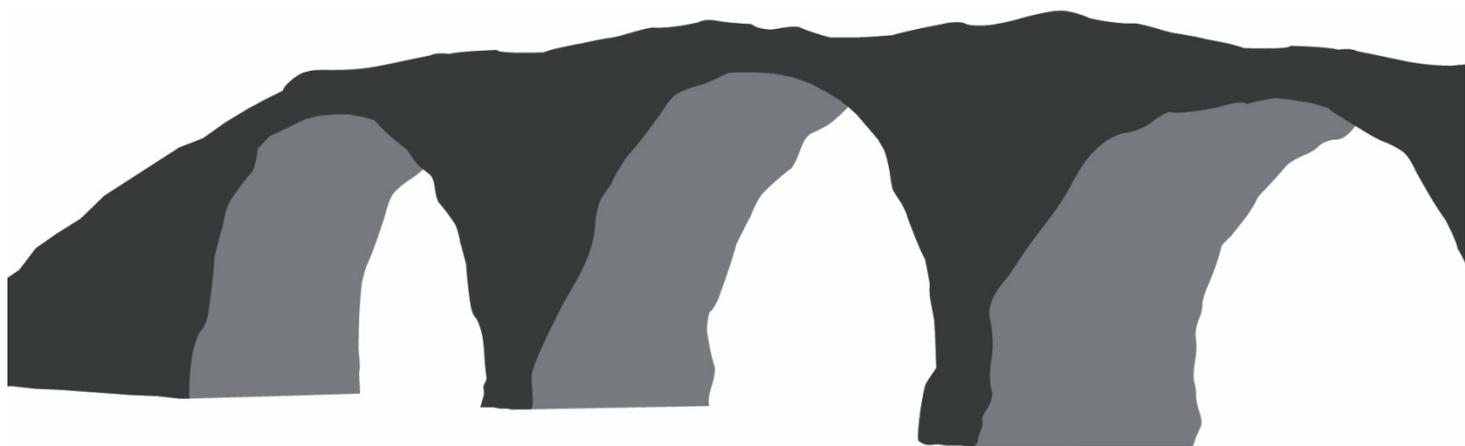
**RELAÇÕES ANIMISTAS E ONTOLOGIAS RELACIONAIS EM SÍTIOS
ARQUEOLÓGICOS**

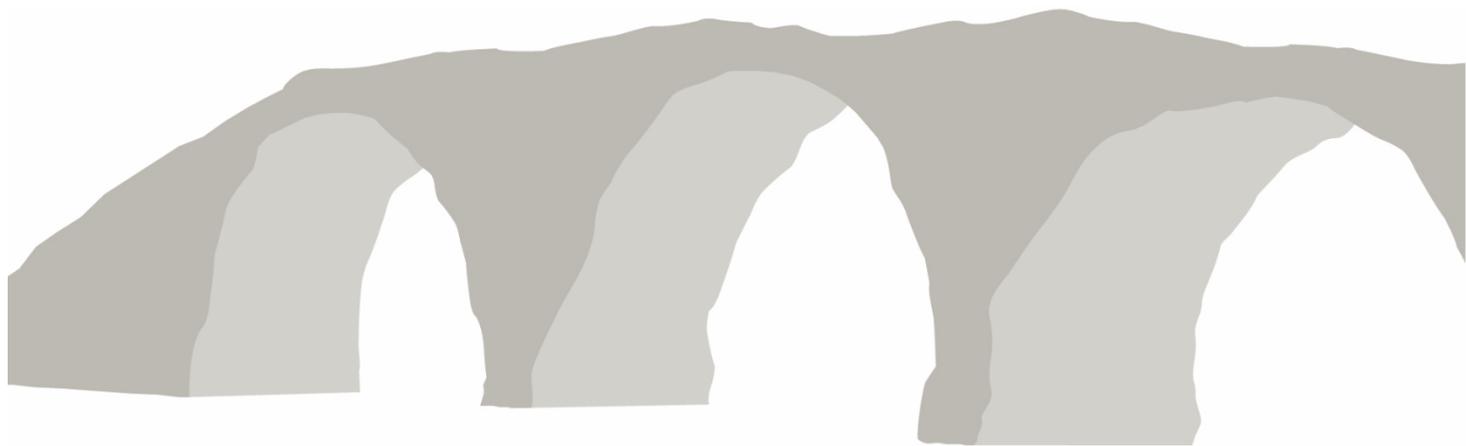
**RELACIONES ANIMISTAS Y ONTOLOGÍAS RELACIONALES EN SITIOS
ARQUEOLÓGICOS**

**ANIMIST RELATIONS AND RELATIONAL ONTOLOGIES IN
ARCHAEOLOGICAL SITES**

Klaus Peter Hilbert

Filipi Gomes de Pompeu





Submetido em 15/09/2021.

Revisado em: 25/09/2022.

Aceito em: 20/12/2022.

Publicado em 31/07/2023.

RELAÇÕES ANIMISTAS E ONTOLOGIAS RELACIONAIS EM SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS

RELACIONES ANIMISTAS Y ONTOLOGÍAS RELACIONALES EN SITIOS ARQUEOLÓGICOS

ANIMIST RELATIONS AND RELATIONAL ONTOLOGIES IN ARCHAEOLOGICAL SITES

Klaus Peter Hilbert¹

Filipi Gomes de Pompeu²

RESUMO

O texto apresenta o resultado de um diálogo entre os autores que tem como foco tópicos como: Hibridismo, Animismo relacional e Sítios arqueológicos. Os autores, de maneira tanto ensaística quanto comprometida, experimentam com uma proposta programática e icônica, formulada no contexto dos pensamentos pós-modernos e pós-coloniais, de “levar a sério” ontologias multidimensionais de produção de conhecimentos. As suposições da ciência cartesiana moderna, com suas organizações da natureza referenciada, objetivista e delimitada, resiste às compreensões animistas ou ontologias relacionais encontradas em sociedades pré-modernas ou não ocidentais. Vivenciando e levando a proposta a sério e diluindo os limites entre objeto e sujeito ou pessoas e animais, os autores exibem um mundo onde atores híbridos convivem em um cenário organizado pela tendência de se “amontoar” de todos os agentes. Apresentam fenômenos híbridos de abrangência política e patrimonial, no exemplo dos sítios arqueológicos como amontoados de descarte, que carecem de definições e de um deslocamento das relações agenciais.

Palavras-Chave: hibridismo, animismo relacional, sítios arqueológicos.

¹ PUCRS, Escola de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em História, Laboratório de Arqueologia/MCT. Brasil, Porto Alegre, Rio Grande do Sul; Bairro Partenon, Avenida Ipiranga, 6681, Prédio 08. E-mail: hilbert@pucrs.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7672-6540>.

² PUCRS, Escola de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em História, Laboratório de Arqueologia/MCT. Brasil, Porto Alegre, Rio Grande do Sul; Bairro Belém Velho, Estrada do Rincão, 1050, Casa 22. E-mail: filipi.pompeu@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5929-3237>.

RESUMEN

El texto presenta el resultado de un diálogo entre los autores que se enfoca en temas como: Hibridismo, Animismo Relacional y Sitios Arqueológicos. Los autores, tanto en forma ensayística como comprometida, experimentan con una propuesta programática e icónica, formulada en el contexto del pensamiento posmoderno y poscolonial, de “tomar en serio” ontologías multidimensionales de producción de conocimiento. Los conceptos de la ciencia cartesiana moderna, con sus organizaciones de naturaleza referenciada, objetivista y delimitada, contradicen las comprensiones animistas y ontologías relacionales que se encuentran en las sociedades premodernas o no-occidentales. Experimentando y tomando en serio la propuesta y diluyendo los límites entre objeto y sujeto o personas y animales, los autores muestran un mundo donde conviven actores híbridos en un escenario organizado por la tendencia al “amontonamiento” de todos los agentes. Presentan fenómenos híbridos de alcance político y patrimonial, en el ejemplo de los sitios arqueológicos como montones de descarte, que carecen de definiciones y un desplazamiento de las relaciones de agencia.

Palabras clave: hibridismo, animismo relacional, yacimientos arqueológicos

ABSTRACT

The text presents the result of a dialogue between the authors that focuses on topics such as Hybridism, Relational Animism, and Archaeological Sites. The authors, in both essayistic and committed ways, experiment with a programmatic and iconic proposal, formulated in the context of postmodern and postcolonial thoughts, of “taking seriously” multidimensional ontologies of production of knowledge. The assumptions of modern Cartesian science, with its organizations of referenced, objectivist, and limited nature, resist the animistic understandings or relational ontologies found in pre-modern or non-Western societies. Experiencing and taking the proposal seriously and diluting the limits between object and subject or between people and animals, the authors show a world where hybrid actors live together in a scenario organized by the tendency of all agents to accumulate. The authors present hybrid phenomena of political and patrimonial scope, in the example of archaeological sites as discarded heaps, which lack definitions and a displacement of agency relations.

Keywords: hybridism, relational animism, archaeological sites.

UMA APRESENTAÇÃO

Quando Fernanda Codevilla me convidou a contribuir com um artigo para o dossiê sobre a “Importância do passado: Arqueologia como ação política”, aceitei, sem pensar muito. Sou espontâneo e me senti bem no momento. Só depois de um dia para outro, de uma noite mal dormida, comecei a pensar. Pensei muito. O que eu sei, o que não sei? Quais são minhas virtudes como arqueólogo, como pessoa? Para encontrar uma resposta, entrei de cabeça no cenário da “Arqueologia”, da “História”, da “Ação Pública”, do “Passado”, da “Memória”, do “Patrimônio”. Também entrei nesse mundo desmaterializado, completamente virtual, digitalizado, informatizado, georreferenciado e enredado. Logo, os algoritmos, como os antigos oráculos, me capturaram em seus circuitos mágicos, me levaram para tudo que é ponto, para qualquer canto, para tudo que é lado. Ultrapassei horizontes, abri perspectivas, alinhei destinos, vaguei e circulei sem rumo como aquela pluma branca em *Forrest Gump*. Desorientado, descansei num banco, na parada de ônibus, para pensar e esperar por uma orientação. O primeiro que se sentou ao meu lado foi Filipi Pompeu.

Conversamos, Filipi e eu, criamos palavras novas e logo apareceram fantasias excêntricas. Uma fantasia levou a outra e, sucedendo-se em frequências iluminadas, surgiu um cenário onde personagens do imaginário popular se encontram com autoridades públicas, sábios das ciências cartesianas conversam com sábios das ontologias relacionais, onde animais usam roupa de humanos, gente se veste como plantas, como animais, árvores falam, pedras rolam e amolecem, coisas se rebelam, lugares possuem humanos, pessoas falam com animais, conversam com máquinas e onde máquina-pessoas tocam os sinos. Nesse estado eufórico, decidimos fazer algo diferente. Um projeto diferente com cultura material! (diferente, pelo menos para mim). Tínhamos uma certeza: não queríamos fazer estudos como sinônimo de elaborar um inventário das coisas encontradas e escavadas em um sítio arqueológico. Isso seria fazer aquilo que já fizemos, que muitos ainda fazem todos os dias, como se fôssemos apenas capazes de pensar em uma única direção, sempre de “A” para “Z”, sempre em frente, sempre ao longo de uma linha cronológica, do “velho” para o “novo”. Queríamos fazer algo vagante, emaranhado, entrelaçado, relacional ou, como sugere Bob Dylan, “*Tangled up in blue...*”

AS QUESTÕES

Aquilo que começou como uma provocação e uma fantasia do tipo: Imagina! Como seria o mundo arqueológico se levássemos a agência dos objetos, dos animais, das plantas, dos lugares realmente a sério? Quais seriam as consequências?

Fiquei assustado e, de repente, percebi que estávamos vagando em um espaço difuso das nossas certezas, híbrido em diferentes maneiras e que estávamos entrando em um mundo desconhecido, onde eu me senti um pouco perdido sem minhas referências e sem o sistema de relações cartesianas, dualistas e objetivistas. Sou *juruá*³. Jaider Esbell Makuxi tem o privilégio e o poder de colocar em prática e de externar sua pesquisa pessoal e coletiva através de um processo de “autocolonização”. Em contraste, carrego no peito um adesivo e o estigma da modernidade e da exocolonização com todas as consequências.

³ Maneira como o povo Guarani se refere aos não indígenas.

Em um ato de autodefesa questiono-me: Será que nunca fomos modernos, como afirma Bruno Latour (1991)?

Meu mundo moderno, cientificamente explicado, a certeza de um mundo organizado no qual tudo tem seu lugar, onde os objetos, os animais, as plantas e os humanos existissem separadamente em um sistema de interdependência, todas as conquistas científicas, tudo isso seria uma muleta analítica, uma ilusão? Argumentei que essa certeza faria parte da nossa organização social, educação, da nossa vida, da nossa ontologia. Agora tudo isso seria apenas um discurso político?

Quando atribuímos agência a sujeitos não-humanos estávamos fazendo isso apenas metaforicamente? “Meu amor é uma rosa!”. Isso é verdade ou é só uma expressão romântica? Metáforas e metonímias fazem parte do nosso cotidiano (Lakoff & Johnson, 1980). Sem essa figura de linguagem que transfere significado da estrutura do texto para a esfera do mito, certamente, a nossa forma de comunicação seria bem diferente (Barthes, 2003). Trata-se, então, apenas de uma figura de linguagem, somente de uma expressão romântica? E se isso fosse, novamente, um discurso político-científico, e o cartesianismo um projeto criado na modernidade, para desclassificar e eliminar outras e pré-modernas formas de perceber o mundo animado?

É verdade que nós, ocidentais modernos, urbanizados, industrializados não animam coisas, lugares, seres vivos como muitos afirmam? E, se realmente fizéssemos isso, poderíamos levar o “nosso animismo” relacional também a sério? Seríamos levados a sério? Por que o animismo só vale para alguns e não também para outros? (Hornborg, 2006). Quando falamos com coisas, com o nosso automóvel, de manhã, quando se recusa a funcionar, com o computador que simplesmente apaga todos os arquivos ou quando falamos com os nossos animais de estimação, tocamos Mozart para as plantas, isso não seria uma forma de animismo, possivelmente um “neo-animismo”? Essa relação com as coisas, animais e plantas seria somente um sintoma de estresse urbano, sinal de solidão ou de alguma perturbação mental qualquer? Tudo indica que não. Animais e plantas expressam emoções, medo, alegria, tristeza e os humanos sempre perceberam isso. Existe uma ciência relacional, uma ecologia do medo, das emoções (Darwin, 1872; Lorenz, 1993; Haraway, 2003; Soentgen, 2018).

Eduardo Viveiros de Castro (2004, p. 465) sugere que europeus e ameríndios têm maneiras completamente diferentes de perceber humanos e animais. Enquanto para os Europeus os seres humanos são organismos biológicos em roupas culturais, Ameríndios percebem animais fundamentalmente como pessoas em roupas de animais. A mitologia indígena tradicional narra como os animais perderam suas qualidades humanas. A mitologia europeia moderna narra como os humanos (evoluíram) ganharam suas qualidades humanas. Os animais são ex-humanos, em vez de humanos serem ex-animais. Fundamentalmente, para a narrativa científica europeia, animais são objetos e para os indígenas da Amazônia, animais são sujeitos. O autor compara aqui duas ontologias em temporalidades diferentes. Uma tradicional, pré-moderna indígena e a outra moderna europeia. Será que pode fazer isso? A europeia também tem uma ontologia pré-moderna, um mito original que envolve a criação dos humanos a partir de substâncias, do barro, da água e do ar soprado.

Por outro lado, como bem diz Bjørnar Olsen (2010), não é possível nos imaginar num mundo sem objetos - animados. A questão é que o que significa objeto para um tipo de pensamento humano (branco/ocidental) pode divergir muito de um lugar ou momento para o outro (os povos originais, por exemplo). Contudo, como uma regra geral da experiência humana, o material é inescapável como a morte – que é a declaração última da natureza do que é ser material: transformação irreduzível. Estamos sempre nos transformando; mesmo que acreditemos que “as pessoas não mudam”, seja porque executam atos falhos, sejam mal compreendidas ou mal compreendam os contextos, a quantidade de contextos por onde somos capazes de aprender nos garante uma

certa compreensão “por osmose”; ou melhor, por uma naturalidade adquirida através da convivência plena e, eventualmente, horizontal entre duas formas – pessoas e/ou objetos. Para isso, será melhor partirmos das diferenças: quiçá a mais importante seria a posição que a categoria de objeto ocupa no perspectivismo multinaturalista (Viveiros de Castro, 2014) e no pensamento engenheiro (Levi-Strauss, 1989), enquanto, na verdade, parece que o conceito de objeto é, se o de “humano” é, bastante móvel, embora menos popular que para os *juruá*. Já para nós *juruás*, o objeto parece até mais importante do que a ideia de humano – já se havia dito que o paradigma elementar do perspectivismo multinaturalista era o canibalismo, já que a humanidade pode estar perceptivelmente tão distribuída no universo que, eventualmente, se caçará um parente; da mesma forma que o badalo (como veremos), numa espécie de *Show* de Truman, ressalta o solipsismo, a suspeita íntima de que se é o único de sua espécie mergulhado num mar de autômatos de cuja consciência sempre se está a desconfiar (Viveiros de Castro, 2014).

Em suma, não se trata de estudar a ontologia originária, essa também é um grande híbrido de várias formas distintas de pensamento que se conecta num elo perdido que foi chamado de perspectivismo multinaturalista, para se “tornar indígena”. Isso seria uma pretensão infantil, no mínimo. Em uma *affordance* de pensamento similar, o indígena que usa camiseta do *Paris Saint Germain*, faz *rap* como os *Brô MC's* ou planta soja não deixa de pensar e agir conforme seu *elã* autóctone; sem juízos de valor, apenas demonstra sua própria fluidez de trânsito entre as ontologias que, afinal, se balizadas pela animação-*affordance* dos objetos, jamais deixou de ser. Desta forma, e neste mundo idílico do pensamento, o nosso objetivo é menos “querer ser indígena” e mais querer conhecer o que for possível dessa forma de aferir o mundo no sentido de ampliarmos nossa compreensão não apenas da categoria, mas da condição de objeto, tão cara à arqueologia.

OS DESAFIOS E OS CAMINHOS

Vamos desafiar e enfrentar o desafio de compreender esse novo admirável mundo pós-moderno, o mundo das ontologias animistas ou relacional que recém estava descobrindo, e de lançar uma “rede”, uma “teia” sobre esse amontoamento de palavras, conceitos, perguntas. Decidimos: Será uma rede feita de diversas linhas que se enlaçam, atadas por várias amarrações, para capturar, encontrar, adquirir coisas e fantasias, simultaneamente, para capturar algumas respostas e para satisfazer as nossas curiosidades, pelo menos por um tempo, seguindo a trilha aberta, já há muitas décadas, e obviamente em outros contextos, por Jakob von Uexküll (1940) e depois por, Bruno Latour (1991), Philippe Descola (1994), Alfred Gell (1998), Nurit Bird-David (1999), Tim Ingold (2000) e outros que ainda não li. Seguindo por esse caminho, no sentido de “métodos”, também nos lembramos de Alfred Husserl (1859-1938) e da sua proposta de “retornar às coisas mesmas”, de se “fazer de bobo” para que as coisas do cotidiano se tornaram fenômenos (Husserl, 1985).

Um caminho possível de suspender o mundo no tempo e no espaço e que permite tomar consciência da sua própria essência, no sentido de “*epoché*” de Alfred Husserl, encontramos na “pregnância da forma”, no “*affordance*” de James Gibson (1979), que permite às pessoas identificarem o significado funcional de uma coisa, sem receber instruções e explicações antes, pois tudo que existe possui uma forma de *affordance*, uma forma preferida de interação que costuma ser demonstrada através da forma, dos contornos e das sugestões visuais dadas através do *design*. *Design* pressupõe um projeto – se prévio, ou encontrado, não é possível dizer de

antemão, o que, por sua vez, numa perspectiva animista, implicaria numa intencionalidade anterior, como se aquilo sempre fosse o produto mais ou menos acabado de uma atividade intencional anterior tão, ou mais humana, que a do protagonista que ocupa o ponto de vista.

A dispersão da *affordance* universal, se balizada pelo animismo, jamais é uniforme: alguns objetos possuem mais capacidade de animação do que outros. Os mitos contam como essa capacidade é distribuída, ampliada, transformada ou extinguida de acordo com as escolhas que as personagens são levadas a tomar – o que é sintomático, pois muitos destes mitos são “de origem”, ou seja, contam a adoção de elementos culturais característicos que definem a “*affordabilidade*” de determinada forma de existência. Em outros casos, entretanto, a ação inicial parte da entidade que, até então, se não era tomada como um objeto, apenas não estava cartografada na lista.

O processo evolutivo das formas, na arqueologia, é mais imediatamente associado à cadeia operatória. Levada até as últimas consequências, e a sério, nos mitos ela se desdobra fractalmente em muitas outras origens – na “bomba” de Bruno Latour (2009) – que, se pensadas em si como pontos de vista, logo atingem as cifras do infinito das possibilidades. Muitas vezes, essas árvores genealógicas miceliais, sem centro nem circunferência, para poderem existir em meio a constantes atualizações, se associam em suas *affordances* de modo híbrido: como é o caso do sino e do badalo da história que contaremos em seguida.

Quando interagimos com uma coisa qualquer, de qualquer forma, nos misturamos um pouco a esta coisa e, de certo modo, também assumimos um pouco do seu ponto de vista. Segundo a perspectiva fractal, todas as formas são metonímicas, fazem menção a um todo, ou podem ser tornadas um todo-em-si. Contudo, por definição, esta percepção automática nos é negada pelo próprio ato de simbiose híbrida: unos porque perseguem os mesmos objetivos, a intencionalidade de um se apoiando na intenção do outro – são interações culturalmente naturais e naturalmente culturais estabelecidas de modo tácito e implícito entre a forma e a intenção. Assim, ao tomarmos em mão uma caneca, também ampliamos nossa capacidade contentora enquanto estivermos um ao alcance do outro. A cultura contentora da caneca é um anexo fisiológico à nossa cultura, essencial e indispensável à nossa existência, do tomar, do beber.

Contanto, as *affordances* das coisas não convivem em harmonia plena, já que são distribuídas de modo desigual. Não raro, elas se chocam e se fraturam, buscando obter exatamente o mesmo resultado, da mesma intencionalidade, no mesmo tempo e espaço. A destruição dessas espécies cresce num ritmo muito mais acelerado do que as dos animais; o exemplo mais óbvio são os alfabetos que a arqueologia ainda não conseguiu decifrar, e as línguas originárias que a antropologia luta para manter vivas, mas também pode ser expandido até as menores formas fragmentadas, como uma peça de xadrez isolada do seu tabuleiro, ou uma lasca de preparo debitada de um núcleo de calcedônia.

Muitas vezes, não é possível caminhar livremente entre as metonímias dos fragmentos fractais: como uma estrada de miolo de pão, às vezes só lhes resta a memória. A arte de interpretar estes intervalos a partir de suas evidências materiais e imateriais é chamada de arqueologia – ela não é ensinada nas faculdades e nos livros, apenas, mas principalmente ensina através das formas e atividades das pessoas e coisas através do tempo. Como este impulso, quase animista, está em todo lugar populado pelas coisas, ele parece distribuído de modo uniforme, mas não está. Algumas pessoas são capazes de reconhecer caminhos e pegadas de coisas antigas, que já foram quase que praticamente extintas, mas resistem como registro semifóssil – mas apenas quem passou pelo treino equilibrado entre o contato e o pensamento destas relações, e aí seja pelos livros, seja pelo estado

de espírito arqueológico – são capazes de trilhar sem engano (ou o menos enganadas possível), através desses meandros que insistem em aparecer no nosso dia a dia.

Qual seria a trilha meandrosa que poderíamos seguir a partir daqui? Precisávamos projetar e definir o que capturar em nossa rede lançada sobre a temática, envolvendo assuntos, como “importância do passado” e “Arqueologia como ação política”. Escolhemos como objeto-sujeito o “lugar das coisas amontoadas”, com todas as suas implicações e *affordances*. Pensamos primeiro nos amontoados em geral. Amontoados de coisas, animais, plantas, substâncias, pessoas e, também, e sobretudo, pensamos em sítios arqueológicos como uma entidade, que pode ser tombada e decretada “Patrimônio Arqueológico” e, portanto, fazer-se uma instituição jurídica e política. Por que dos amontoados?

DOS AMONTOADOS

O amontoado, como campo experimental do nosso desafio, nos serve, pois é mediador e relacional. O amontoado, como sujeito e categoria fenomenológica, tem qualidades e propriedades características, e ao mesmo tempo representa um “retorno às coisas mesmas”. O amontoado pode ser acessado pela *affordance*, pode ser reconhecido como tal e permite às pessoas identificarem seu significado funcional. Tem características fractais. O amontoado tem autossimilaridade, é igual, independentemente de seu tamanho, pode ser replicado. Um amontoado pode ser uma duna, uma floresta, um rebanho, um lugar de achados arqueológicos e pode ter o caráter de massa. Os aspectos políticos dos amontoados são desmontados e nivelados, com grande precisão e sensibilidade, por Elias Canetti (2013). Ele ilustra e avalia a formação da multidão de pessoas, além de descrever o fenômeno sem si e suas características. A massa pode ser fechada, aberta, lenta, rápida, silenciosa, destrutiva. Canetti faz uma leitura da relação entre a “Massa e Poder” e define quatro propriedades dos amontoados, das categorias da “Massa”.

1. A massa quer crescer sempre. (...). Inexistem expedientes absolutamente seguros que possam impedir em definitivo o crescimento da massa.
2. No interior da massa reina a igualdade. Absoluta e indiscutível, tal qualidade jamais é questionada pela própria massa. (...). É por causa dessa igualdade que as pessoas transformam-se em massa.
3. A massa ama a densidade. Ela nunca é densa o bastante. (...) O sentimento da densidade maior, ela o tem no momento da descarga.
4. A massa necessita de uma direção. Ela está em movimento e move-se rumo a alguma coisa. A direção comum a todos os seus membros fornece o sentimento de igualdade. (...). A direção é imprescindível para sua durabilidade (...). Enquanto possuir uma meta inatingível, a massa persiste. (Canetti, 2013, p.28).

Essas definições de “Massa” sugeridas por Canetti valem aqui, nessas circunstâncias, tanto para pessoas quanto para coisas, animais, plantas, substâncias em situação de amontoamento, incluindo, e sobretudo, para alguns dos seus aspectos políticos.

DO AMONTOAR E DO ESPALHAR COISAS

Com a intenção de tornar o texto didaticamente acessível, quebramos o protocolo do nosso projeto de agenciar tudo e todas as coisas de maneira simétrica. Trataremos, inicialmente, das substâncias depois dos sujeitos. Descrevemos, inicialmente em separado, as tendências e as propriedades de certas substâncias e de algumas coisas. Observamos suas inclinações de formar amontoados de semelhantes, de se compactar, bem como suas disposições de se espalhar. Isso vale para muitas coisas e substâncias. Vale para pessoas em situação de massa e para estruturas fractais⁴. Água é sempre água, seja em grandes quantidades ou em gotas. Fenômenos aparecem. Para uma percepção fenomenológica, entretanto, muita água é diferente de pouca água. Água em uma piscina olímpica é, fenomenologicamente, aprendida de outra maneira como um pingo de chuva, uma camisa molhada. Atribuímos nomes diferentes para uma massa de água ou para uma pequena quantidade de água. Uma lasca é uma pedra pequena, um bloco é uma pedra grande. Uma árvore parada isolada no campo é diferente de muitas árvores juntas em um só lugar. Essa massa chamamos de floresta. Isso já sabemos. Mas lembramos, o nosso desafio era de “retornar às coisas mesmas”. Sabemos também que coisas, que podem ser sólidas ou pedrosas, e substâncias terrosas, arenosas, líquidas, pastosas, cremosas, oleosas, gasosas e de outras qualidades físicas, químicas e sensoriais se amontoam e se espalham, devagar e discretos ou repentinos e escandalosos (Hilbert, 2020; Soentgen, 1996, p. 174).

Água pinga, para, flui, circula, corre. Água tem a inclinação de fugir em rios, pular das cachoeiras em pânico e passar de remanso pelas beiras passageiras. Rios separam, convidam para chorar nas suas margens, conectam, enchem e vazam. O rio brota da terra, nasce da nascente, seca na terra ou desemboca pela sua boca no mar. Rios juntam rochas, seixos, cascalhos, areia, lama, argila, galhos, troncos, barcos, lixo, destroços e os deposita nas suas dobras íntimas. Água descansa em copos, banheiras, poças, em lagos, lagoas ou mares. Água cai dos chuveiros, dos telhados, dos galhos, das nuvens, chuveira na terra, é engolida pela boca, vai pelo ralo, desce pelo esgoto e encontra novamente seu rio (Canetti, 2013, p. 81).

Terra chamamos aquilo sobre o qual nós pisamos. Terra pode ser rochosa, arenosa, argilosa, é o chão em que confiamos e que sustenta nossos pés. Quando terra e água se juntam viram lama. Pegadas pisadas na lama recebem e guardam a água da chuva, que faz dançar. Mãos aprendem água das fontes para beber, lavar a cara, as mãos, os pés. Da argila as mãos formam corpos e contentores que separam a água do fogo.

Fogo e água são oponentes. Destroem o mundo, queimam ou inundam a terra. Fogo tem a tendência de incendiar. Fogo é guloso, incinera as florestas, os campos, as casas, as cidades, queima os animais, as pessoas, as plantas, torra a terra, brota fumaça. Das florestas os animais fogem, das cidades as pessoas. Fogo arde, não conhece limites, surge em qualquer parte. Grandes chamas de fogo são barulhentas, provocam fuga, medo e gritos histéricos. Fogo domesticado, em pequenas porções, aproxima, acalma, aquece e silencia (Canetti, 2013, p. 75).

Vento espalha cinzas, poeira, junta areia, forma dunas, pulveriza o vapor, ondula as águas e direciona as nuvens que flutuam. Apaga a vela, acende o fogo, fecha a porta, carrega os pássaros, as pipas, folhas, agita bandeiras, espalha panfletos. Vira copos. Vira tempestade. Apocalipse. É companheiro da água, juntos destroem o mundo, espalham tudo em todas as direções pelos quatro ventos (Canetti, 2013, p. 85).

⁴ Fractal (quebrar em pedaços) é um termo cunhado pelo matemático Benoît Mandelbrot, que descreve certas estruturas naturais, artificiais ou padrões geométricos. Essas estruturas mostram muita invariância de escala e de autossimilaridade.

Poeira tem a tendência de voar, de irritar os olhos em lágrimas, entrar no nariz, na boca e de pousar sobre os livros. Livros são colecionadores de poeira. O lugar debaixo do sofá abriga poeira, possui pelúcia, fuxico de pelo, fios e migalhas que se reúnem nesse lugar que, curiosamente, não possui nome próprio.

Pedras são sólidas e solidárias. Gostam umas das outras. São felizes quando estão juntas, uma em cima das outras, lado a lado, formando pirâmides, templos, estádios, catedrais, prisões, muros. Uma pedra isolada e solteira é sinal de alerta. Duas pedras se esfregam, moem os grãos. Quando duas pedras se chocam produzem faíscas, acendem o fogo. Raios derretem e vitrificam as areias das dunas, petrificam os raios, formam fulguritos. Pedras incandescentes caem como estrelas e riscam a escuridão da noite. Se jogam no rio e rolam. Brotam como magma de uma fenda na crosta da terra. Gargantas de vulcões cospem pedras, espirram cinzas. Pedras arenosas absorvem água e minerais, criam fungos, se vestem com musgo e líquen. Pedras sílicas são lisas, repelem, refletem luz. A geometria valiosa dos cristais brilha nos dedos, eternamente. Pedras marcam os lugares dos mortos, se urbanizam em necrópoles. Pedras trancam as portas das casas dos mortos que querem fugir, reviver. Os vivos amontoam pedras sobre pedras, plantam flores que morrem, lentamente, sobre essas pedras (Caillois, 2018).

DO AMONTOAR E DO ESPALHAR SUJEITOS

Pessoas, animais, plantas têm tendências e propriedades. Sabemos que se agrupam, alugam lugares e se dispersam, devagar e discretos ou repentinos e escandalosos. Pessoas fazem muitas coisas. Coisas fazem coisas com as pessoas, com as plantas, animais, lugares, com outras coisas (Droit, 2003).

Pessoas animam animais, hortam plantas, humanizam lugares, cultivam a infância em jardins, subjetivam objetos, nomeiam sujeitos, objetos, ações, atributos e fenômenos. Pessoas não aparecem sós, nunca estão sozinhas. Uma pessoa sozinha é sinal de alerta. Pessoas aparecem juntas com coisas e em lugares. Lugares estão dentro das pessoas. Uma pessoa pode ter um sítio arqueológico dentro dela, incomodando. Animais estão nas pessoas. Hospedam pulgas, moscas, mosquitos, insetos, vermes, vírus, piolhos, sanguessugas, carrapatos, ácaros, fungos e protozoários unicelulares que vivem dos fluidos, do sangue, da caspa, da gordura, do sebo que o corpo das pessoas produz. Bactérias educam seu sistema imunológico, fermentam o bolo alimentar mastigado e amontoado no estômago e no intestino das pessoas, que soltam gases. Pessoas comem terra, sedimentam pedras nos rins, depositam cristais de urato de sódio em suas juntas, acumulam tártaro nos dentes de dentina. Unhas têm a aptidão de juntar sujeira, de criar fungos, de crescer, de quebrar. Vírus atacam suas células e causam sua morte. Além de ser hospedado e de ser consumido posteriormente, o ser humano, provavelmente, tem vontade própria e a tendência de se agrupar e de formar multidões. Gostam de estar juntos em eventos esportivos, no ônibus, nos bailes, nas piscinas, demonstrações de protestos, cerimoniais religiosos ou em festas. Em grupos passeiam nos bosques, andam de bicicletas, juntos escalam a maior montanha do mundo, cantam em coro e bebem nos parques. Adoram formar pequenos grupos nos finais de semana para o almoço na casa dos parentes e amigos. Em armas, e uniformizados, marcham em passo igual para encontrar a morte, sem exceção.

Animais rebanham, sabemos que adubam e pastam plantas, produzem substâncias, manipulam coisas e lugares. Animais humanizam pessoas, as entendem como animais. Animais tomam conta de lugares. Animais colecionam coisas e as organizam em forma de ninhos feitos de galhos secos, grama, folhas, plumas, barro.

Minhocas criam pequenos cocurutos de secreção e argila. Besouros rolam bolas de bosta. Camundongos e esquilos reúnem grãos e sementes em tocas. Castores constroem barragens de troncos e galhos nos rios. Formigas e cupins cultivam fungos em suas hortas subterrâneas e as sinalizam com montanhas de argila, areia, estilhaços de plantas. Pulgões secretam substâncias doces que encantam as formigas. Pulgões domesticam formigas que os ajudam no cultivo dos fungos. Bactérias coalham leite, comprimem e enformam o queijo. Abelhas colecionam néctar, fazem mel, cera, própolis, constroem colmeias.

Pássaros batem asas e voam, agitam, deslizam, pousam sobre galhos, fios, antenas, cumieiras e cumeeiras. Enxames de pássaros desenham setas que apontam para a linha do horizonte. Pássaros cantam e encantam com suas cores.

Plantas abraçam, expulsam, abrigam pessoas, animais e outras plantas, difundem suas raízes, espalham suas folhas, flores, frutas, pólen. Exalam o ar que se respira, armazenam água, evaporam nuvens, transpiram, armazenam água em suas células.

Dos sujeitos e dos objetos

Híbridos. A ideia de que não é nem uma arma e nem uma pessoa, por si só, são capazes de cometer um assassinato. É necessário que os seus objetivos estejam alinhados, num evento terrível, neste caso. O importante é notarmos que, ao estipularmos posições de sujeito e objeto, ao alinharmos os objetivos que tornam a aliança rediviva, ambos se misturam de modo inequívoco: uma pessoa armada está mais propensa a sofrer a influência das extensões ativas do objeto que carrega do que uma que não, ou mesmo que deseja ter. Possuir algo é compartilhar algo, não daquilo, mas com aquilo. Como um espírito corruptor, ou imaculado, temos nossas trajetórias afetadas profundamente pelo magnetismo objetivo (porque) dos objetos.

Badalos não são instrumentos simples, ao que possa parecer de sua simplicidade. A verdade é que nenhum badalo funciona sozinho, senão, como observamos, precisa estar inserido em um sino. Como uma roupa, com a qual atinge sua predeterminação, seu dom adquirido, o sino pode ter tamanhos diferentes que ecoam de modo distinto em uma dada paisagem. Um badalo deve ser proporcional à sua contraparte, o sino: se pudéssemos traduzir a palavra-conceito de *affordance*, pensamos, seria como “facilidade”, numa forma bem rasa de expressá-lo. Mas também, não é como se precisássemos de muito mais, afinal o termo se refere à forma mais adequada, mais simples, direta e objetiva de criar uma relação material entre nosso corpo e um objeto – que dá pistas através de sua morfologia para que isso ocorra. Assim, os objetivos de sino e badalo são mais do que concomitantes: são híbridos! (Latour, 1991). Outra possibilidade abre-se no momento quando enxertamos mais um agente. Além de objeto com objeto, podemos hibridar objeto com pessoa.

Humanos-badalos. Esse badalo tinha uma história especial. O sino que vibrava todo dia e noite; possuía uma cúpula inscrita com extremo cuidado por dentro; e por fora, uma alegoria de casa com telhas e janelas tradicionais. O seu badalo era refeito de tempos em tempos, numa cerimônia desprestigiada, que envolvia o sacrifício de um dos habitantes da aldeia. Eleito no ano anterior pela sua rudeza de tratos – em concurso público promulgado oficialmente –, o escolhido era posto em reclusão numa torre satélite do mosteiro e tratado com métodos ocultos, envolvendo faixas de tecido raro e metais cuja procedência original se desconhece. Saía de lá em procissão brilhante, cercado por carrilhões de prata, entoando escárnios e maledicências, estendido numa esteira construída especialmente para este fim. Seu corpo, transmutado pela atroz cirurgia, era esticado e afunilado nos pés, engrossando gradualmente, até a outra extremidade. Os tornozelos eram estigmatizados por um anel de metal de aro grosso, que o suspenderia dentro do firmamento falso do sino. Braços e pernas estavam

inutilizados, soldados com fórmulas químicas ao tronco que se alargava, contínuo, até a cabeça. O crânio horrendo, dilatado até a largura dos ombros já inumanos, derramava líquidos escurecidos que teimavam em continuar vazando da boca, dos olhos, das narinas e dos ouvidos, restos secretados da alquimia profana. Tinha apenas duas partes móveis: a boca e os olhos. Esta última despejava, com uma língua afiada numa lendária pedra de amolar, torrentes intermináveis de ofensas e zombarias sobre todos os habitantes da cidade, que lhe atiravam frutas podres e lixo, enquanto a romaria atravessava a rua principal, em frente à igreja matriz (Pompeu, 2022).

Este conto, aqui incompleto de todo, culmina numa revolta das pessoas provocada pelos objetos – em similar sintonia com um mito já citado por nós anteriormente sobre a revolta dos objetos da cultura Moche (Pompeu & Hilbert, 2020). Aqueles objetos, animados por um dia que virou noite, inverteram a ordem dos fatores sociais e, principalmente, da condição de objeto. A fantasia do homem-badalo, em seus próprios termos, também aborda uma amarração impossível na prática, mas corriqueira enquanto objetivo cotidiano das pessoas: seja como alvos da caçada de alguém na floresta, seja como alguém que está na porta do ônibus, atrapalhando quem quer descer no ponto certo.

DOS AMONTOADOS E SUAS PROPRIEDADES

Pensamos, até aqui em separado, sobre substâncias, coisas, animais, plantas, pessoas, pessoas-coisas das suas propriedades e das suas inclinações de amontoar, de se amontoar e de se dispersar. Como vimos anteriormente, essa “Massa”, composta por unidades, tem tendências e propriedades. Ela deseja crescer, procurar por seus iguais, quer se compactar e tem necessidade de ser direcionada. O amontoado, que por sua vez apresenta propriedades de “Massa”, torna-se uma entidade ativa e com poderes políticos, militares, religiosos, físicos, ambientais, mentais, legais, fenomenológicos, sociais, econômicos, culturais, psicológicos e outros.

Dunas crescem constantemente, são homogêneas, são densas e movimentam-se. Dunas, areia seca, aerada, acumulada, moldada e direcionada pelo vento, são unidades geomorfológicas, definidas como ecossistema e são totalmente protegidas pela legislação do meio ambiente (Brasil, 2012). Frotas de dunas barcanas velejam pelo litoral, lentamente, de grão em grão, sem parar. Seus corpos macios e ondulados encobrem árvores, casas, estradas, cidades, as engolem, devoram e passam. A descoberta dos antigos sítios engolidos, devorados e evacuados surpreende, emociona, evoca memória e saudade dos tempos passados.

Ondas, água amontoada e erguida através da relação das forças entre vento e fundo marinho, arrebatam nas praias, limitam o litoral, desenham uma linha branca de espuma afrodisíaca, delimitam uma zona entre água e terra onde os casais se encontram. Ondas movimentam usinas hidrelétricas, movem uma indústria, criam uma cultura do lazer, atividade esportiva e turística. Cada classe de onda tem sua qualidade e valor agregado pelo seu potencial de movimentar pessoas, areia, algas, conchas vazias, pescadores, banhistas, surfistas, barcos, sujeitos vendendo souvenir, bebida, comida, protetor solar. Ondas gigantes, em parceria com tempestades, nuvens amontoadas e chuva de montão, afundam navios, arrancam faróis, quebram barreiras e inundam lugares, afogam terra, animais, pessoas, decepam árvores, lançam telhas.

Florestas são mais de que coleções de árvores. Florestas se estendem, abrem-se sobre superfícies, não se amontoam, se recolhem. As árvores também são colecionadoras: agregam formigas, fungos, mixomicetos,

plantas parasitas e simbióticas, camadas de casca, incontáveis partículas de celulose e lignina. Semeiam o seu redor com sementes, galhos, gravetos e folhas secas, formando a serrapilheira que abriga uma miríade de seres vivos e inanimados - camada orgânica esta que será miraculosamente transformada em terra preta, na qual a floresta toda finca raízes. Árvores, que formam florestas, se respeitam, mantêm uma certa distância, umas das outras. Não se abordam com seus corpos erguidos, se conectam somente com seus galhos, ramos e com suas folhas sensíveis, que vibram excitadas com o toque leve quando trocam respiros profundos; se entrelaçam em um misterioso ritual subterrâneo quando as pontas das raízes se aproximaram, absorvem, expelem e trocam fluidos. Entre folhas e raízes, sustentado pelos troncos cascudos, abra-se um santuário onde deusas e deuses se inspiram, humanos transitam, animais transpiram, sangram e fogem. A floresta, como “massa”, é assustadora. Ela hospeda, no jogo entre luz e sombra, criaturas que transpassam os limites da imaginação, que vão além de um simples entrevero de formas, cores, sujeitos, objetos, animais, humanos. São inimagináveis! A mata se confunde com a terra como destino e origem, derramando sua própria morte sobre sua própria vida, fechando a terra e regurgitando nascentes de água pura até formarem nuvens nos altos dóceis formados pelas copas das árvores.

Supermercados à noite, vazio. Depois de ter expulsado as pessoas, é um sítio onde coisas se encontram, onde objetos são acumulados e se agrupam, de acordo com sua natureza, ou onde são organizados segundo certas regras e conceitos. Objetos-mercadorias, são agrupados conforme seu uso, conforme o processo de sua criação, manipulação ou de acordo com certas estratégias de *marketing* de venda, acessibilidade, gosto, atração. É um lugar onde coisas se organizam conforme os estímulos que produzem para seduzir as pessoas, frequentadoras do supermercado, a comprar certas coisas, em uma situação mercantil na vida social de qualquer coisa. Arjun Appadurai (1986) define a situação mercantil como a

situação em que sua trocabilidade (passada, presente ou futura) por alguma outra coisa constitui seu traço social relevante. A situação mercantil, assim definida, pode ser decomposta em: 1. a fase mercantil da vida social de qualquer coisa; 2. a candidatura de qualquer coisa ao estado de mercadoria; 3. o contexto mercantil em que qualquer coisa pode ser alocada” (Appadurai, 1986, p. 13).

Posso fazer qualquer coisa, seja um objeto ou oferecer um serviço. Essa coisa somente ganha valor, entra em situação mercantil, se aparece um sujeito interessado em trocar comigo essa coisa por uma outra coisa que possui, senão é sobra e vira lixo.

Sobras ocorrem em todas as sociedades humanas. Fazem parte do fazer e do consumir. Sociedades não-humanas e a natureza não produzem sobras. Assim, toda cultura material é moldada tanto pelo modo como as coisas são manipuladas quanto pelo modo como são descartadas. Fica dentro ou jogo fora? (Tocchetto, 2010). Sobras de comida são guardadas em *container* de plástico e congeladas para serem consumidas depois. Retalhes de tecidos, sobras da produção de roupa, se agrupam em colcha de retalhos, emendas. Serragem comprimida vira compensado, fica dentro. Se vai fora, vira descarte.

Fezes como dejetos urbanos visíveis e sensíveis representam uma ameaça para a saúde da população urbana e preocupa os médicos e higienistas. Fezes, no contexto rural, espalhadas pelos campos, representam um adubo valioso e uma safra abundante. Fezes como dejetos domésticos se amontoam em louças brancas, depois são direcionadas e encanadas no subterrâneo, verdadeiros rios de dejetos fecais que desembocam em enormes tanques, onde a imundície é acumulada, tratada, gasificada, decantada e devorada pelas bactérias, que

soltam ventos inflamáveis. As sobras são separadas, classificadas em líquido, sólido, pastoso e novamente acumuladas.

Lixo, de qualquer categoria, ainda é conotado negativamente. Lixo é sujo, imundo, é sinônimo de impureza, entulho, detrito, despejo, resíduo, refugo, resto, sobra. O conceito cultural de descarte é produto das sociedades urbanas industrializadas. A maneira como lixo, ainda hoje, é percebido remete à ideologia higienista no século 19 e acompanha o surgimento da produção em massa de coisas, seu consumo e seu descarte. A forma como descarte é produzido e tratado afeta diretamente as estruturas da sociedade, como a política, a economia e os métodos de produção, bem como o cotidiano das pessoas e seu comportamento de descarte. Fica dentro ou vai fora? Muito lixo preocupa os urbanistas, engenheiros, técnicos, responsáveis pelo seu transporte rápido e pelo seu descarte. O lixo é a parte negativa da sobra, da cultura material. É o descarte varrido de baixo do carpete, empurrado debaixo do sofá, ensacado, jogado na rua, enterrado, queimado, afundado, silenciado, ninguém quer assumir responsabilidade e propriedade (Cohen & Johnson, 2005; Cox *et al.*, 2011; Weber, 2014; Waldman, 2021).

Lixo passageiro. Coisas e substâncias podem ser descartadas como algo sem valor e se decompor em lixo. As mesmas coisas podem, e a qualquer momento, entrar em situação mercantil e agregar estima e se transformar novamente em objeto de desejo com valor e se tornar, por exemplo, em uma antiguidade rara e valiosa (Thompson, 1979). Máquinas quebradas, desgastadas, sem função, podem desempenhar um papel de destaque em um museu de tecnologia. Uma boneca quebrada de porcelana, abandonada em um lugar de achados arqueológicos, em um lixão urbano, pode adquirir, de novo, seu *status* de valor e ser declarado um “bem da União”. Como uma coisa-lixo não tem dono e não possui mais valor para o sujeito que a descartou, aquele resto de alguma coisa, que é jogada fora, sustenta outras pessoas. Ganha valor por suas propriedades de fornecedor de matérias-primas. Colecionadores de pedaços de metal, osso, dentes, tecidos, fezes de animais e de humanos frequentavam as ruas de Londres no século 19, valorizando o lixo de outros (Mayhew, 2009).

Lixo artístico. O artista plástico César Baldaccini usava sobras e lixo para criar arte (*Junk Art*) e de participar de exposições do movimento do “Novo Realismo” da década de 1950. Para Joseph Beuys, o artista era um mediador, um Xamã. Ele usava substâncias pegajosas, como manteiga, mel e gordura, para se comunicar com animais, um coelho morto, por exemplo, que Beuys carregava nos braços durante uma exposição. Beuys é considerado um dos artistas plásticos mais importantes e influentes da segunda metade do século 20. Um dos seus objetos de arte, um amontoado de cinco quilos de manteiga assentado em um canto da sala de exposição da Academia de Arte em Düsseldorf foi removido, por engano em 1985, pelo zelador da academia, que confundiu a instalação artística de manteiga rançosa e derretida com lixo.

Sujeira é materialidade fora do seu lugar atribuído e definido. Lixo como ameaça para a natureza é uma percepção relativamente nova e surge quando o discurso higienista é substituído pelo discurso ecológico. Leis são formuladas que tratam do lixo não mais como um problema local e urbano, como algo sujo e acumulado, mas como um problema global onde o lixo fica dentro de uma economia de circulação. Esse lixo moderno é percebido pela atual sociedade industrializada e consumista, como uma “impureza”, uma sujeira, uma materialidade fora do seu lugar num processo de classificação e de reciclagem. Coisas misturadas, copo de plástico, embalagem, sobra de comida, fraldas, papel higiênico, lata de refrigerantes etc., tudo isso é lixo. As mesmas coisas separadas e classificadas em categorias, como resto de comida, metal, vidro, papel, plástico, *E-waste* é mercadoria circulam pelo mundo em *containers*, amontoadas em diferentes países, longe das suas

origens, onde passam por um processo de reciclagem. Nesses lugares, as coisas feitas, consumidas e mortas são desmontadas, classificadas, separadas, trituradas, derretidas e novamente amontoadas conforme sua classe. Isso é um grande negócio! (Weber, 2014).

Resíduos sólidos. A Política Nacional de Resíduos Sólidos, através da Lei nº 12.305/2010, apresenta para a categoria de lixo a seguinte definição:

Todo material, substância, objeto ou bem descartado, resultante de atividades humanas em sociedade. Estes podem se encontrar nos estados sólidos ou semissólido, bem como gases contidas em recipientes e líquidos cujas particularidades tornam inviável o seu lançamento na rede pública de esgotos ou em corpos d'água, ou exijam para isso soluções técnicas ou economicamente inviáveis em face da melhor tecnologia disponível (Brasil, 2010).

A definição destaca, inicialmente, as categorias: material, substâncias, objetos, o bem descartado em todos os estados. Não leva em consideração o lugar do descarte, nem os sujeitos que descartaram. Como parte do nosso exercício, gostaríamos agora de traçar linhas argumentativas, marcar os nossos pontos de vistas e lançar uma rede sobre essa categoria de resíduos sólidos. Queremos mostrar certas diferenças e semelhanças entre os amontoados de materialidades.

Sítios arqueológicos apresentam a tendência e a inclinação de acumular coisas, de colecionar aquilo que está espalhado, e de acomodá-lo em um mesmo lugar. Coisas e substâncias movimentam-se pela coincidência das suas tendências e das suas propriedades. Coisas são movimentadas pela obra de pessoas, de animais, plantas, vento, chuva, sol, fogo e por outros sujeitos acumuladores e acumulados. Esses acumulados apresentam propriedades particulares. São lugares de achados arqueológicos. Sítios arqueológicos, entretanto, são entidades jurídicas com poderes e qualidades protegidas por lei. É considerado como sítio arqueológico,

todo local onde há vestígios da passagem de grupos humanos que habitam ou habitaram o território nacional e que, na compreensão do arqueólogo, tenham suas feições reconhecidas especificamente através dos métodos próprios da arqueologia e foram cadastrados no Cadastro Nacional de Sítios Arqueológicos do Sistema de Gerenciamento do Patrimônio Arqueológico (CNSA/SGPA) após a anuência e diagnóstico de técnicos e arqueólogos do IPHAN. Assim, o sítio arqueológico cadastrado passa a compor o patrimônio cultural brasileiro sendo protegido por lei dado a sua importância para o reconhecimento da identidade nacional. (Campos, 2018)

A semelhança entre a definição de resíduos sólidos, lixo, supermercados e sítios arqueológicos realmente surpreende. Mas fizemos isso de propósito. Escolhemos um fenômeno que todos têm em comum: a tendência de formar amontoados. Se levamos toda nossa abordagem a sério, como prometemos inicialmente, podemos ter, focando no critério de fluidez, hibridade e animismo referencial entre coisas, pessoas, animais, plantas, lugares, coisas-animais, animais-pessoas, animais-plantas, plantas-lugares, plantas-pessoas etc., além das tradicionais percepções e definições de sítios arqueológicos urbanos, rurais, habitacionais, de acampamento, de extração de matéria-prima, abrigos, fortificações, campos de batalhas, cemitérios e outros, também, ter sítios tipo *shopping centers*, mercadão, mercadinho, botecos na encruzilhada no meio do nada, borracharias, *boutiques* chiques, lojas especializadas em vinho, parafusos, porcelana, descarte de lixo nas esquinas, em terrenos baldios, em lixões urbanos. Todos são lugares de amontoamentos de coisas “onde há vestígios da passagem de grupos humanos que habitam ou habitaram o território nacional” (Campos, 2018).

Escavações arqueológicas. Continuando com o nosso desafio, ainda podemos ir mais longe. Imaginamos: escavar um sítio arqueológico seria como entrar num supermercado, em uma loja, em um

Shopping; encontrar e escavar coisas arqueológicas como se fossemos fazer compras em um supermercado. Escolhemos esse ou outro produto, mercadoria, artefato, achado arqueológico, cultura material. Naturalmente, queremos saber algo sobre a coisa comprada ou encontrada, por exemplo, sua procedência, sua utilidade, “meio de produção”, de qual material é feito, quando foi feito, prazo de validade (estado de preservação), quem fez, quem trouxe, como foi trazido, quanto custa, quanto vale etc.

Lixões arqueológicos. Alguns estudiosos relacionam sítios arqueológicos com o costume de descartar objetos sem utilidade e sempre em determinados lugares, em lixões, principalmente contendo restos da “cozinha” (*kitchen midden*). Podemos até criticar essa abordagem polêmica, mas um sítio arqueológico como um lixão: essa categoria realmente existe. Estes sítios são os melhores e mais ricos em materialidades e objetos interessantes da era moderna. É realmente incrível o que as pessoas jogam fora e que é aquilo que pode ser aproveitado e reciclado pelos arqueólogos. Meados da década de 1970, William Rathje, diretor do “*Tucson Garbage Project*”, iniciou um projeto de “*garbology*”⁵, com o intuito de entender melhor o comportamento das pessoas em relação ao descarte e ao lixo. Junto com seus colaboradores, ele analisou, detalhadamente, o conteúdo dos *containers* de descarte de lixo dos moradores da cidade de Tucson no Arizona e comparou os dados quantitativos com os depoimentos das pessoas que descartaram os dejetos. Ele observou certas contradições entre aquilo que os moradores idealizaram em suas narrativas e o real comportamento de descarte de lixo (Rathje & Murphy, 2001, p. 56). Esses resultados colocaram em dúvida a confiabilidade dos registros históricos, coletados através de depoimentos e entrevistas, e a aplicabilidade na interpretação dos registros arqueológicos. A ideia de inferir do material descartado ao comportamento das pessoas surgiu no contexto da “Arqueologia Processual” que marcou toda uma geração de praticantes de arqueologia. Procurava-se padrões de assentamentos, comportamentais e normas. Para a “Arqueologia Processual” um dos objetivos principais era estudar as semelhanças e as regularidades entre sociedades, mas dentro da mesma cultura a maior importância era dada aos estudos que comprovassem variabilidades.

Terrenos baldios. Da mesma época e no mesmo contexto teórico e metodológico com o foco no comportamento de descarte relacionado ao lixo, está o projeto de Richard Wilk e Michael Schiffer, conhecido como a “Arqueologia dos terrenos baldios”, também em Tucson (Wilk & Schiffer, 1979). Os pesquisadores ficaram impressionados com o amontoamento de descarte em terrenos abandonados e interessados na propriedade, quase mágica, de “lixo chamar lixo”. Terrenos baldios, inicialmente sem lixo, começaram a se transformar rapidamente em lixões a partir do momento de um descarte originário: uma sacola, uma embalagem de papelão, restos de construção. Chamara esse fenômeno de “*Arlo Guthrie trash-magnet effect*”, referindo-se a uma balada de Arlo Guthrie: “*Alice’s Restaurant*” (1967). Nessa música, Arlo Guthrie narra um evento cômico em que o descarte de lixo em um terreno baldio, que já continha uma grande quantidade de lixo, desencadeou toda uma sequência de acontecimentos que resultou na prisão dos infratores.

Lixo ou luxo. Quando o arqueólogo ou a arqueóloga sabe que está diante de um local de achados arqueológicos, um sítio arqueológico depois do seu registro do seu tombamento? Esses lugares têm o cheiro das pessoas, das plantas, dos animais, e este está na terra? As coisas têm as marcas do uso, as mãos sentem o conforto do objeto feito? Como o arqueólogo e a arqueóloga sabe que se trata de um lugar de achados arqueológicos, de um lugar onde pessoas conviveram? Pelo acúmulo das coisas e das substâncias? Sabemos, um

⁵ Uma junção criativa de “*garbage*” (lixo) e “*archaeology*” (arqueologia)

sítio arqueológico é um amontoamento de coisas. A pessoa praticante de arqueologia encontra objetos nesses lugares, artefatos de pedra, objetos de cerâmica, telhas, blocos de pedra, de argamassa, madeira, ossos, carvão, cinza, metal, louça, vidro, garrafas, copos, CDs, botões, computadores, TVs, lâmpadas... A lista é quase interminável. Como percebemos nos exemplos anteriores dos amontoados, isso vale para outras situações em que coisas são amontoadas e onde as coisas se encontram (Hilbert, 2020, p. 132).

Como exemplo final do nosso desafio, gostaríamos de apresentar um evento fictício que tem como intenção, justamente, incentivar a pensar sobre essa entidade híbrida entre um lixão e um sítio arqueológico. Trata-se de um diálogo imaginado entre uma pessoa física e uma pessoa jurídica que acusa o ente humano, de nome José Ninguém de Nascimento, de ter destruído um sítio arqueológico, um monumento de valor histórico-cultural-arqueológico inestimável, como afirmam as autoridades. Na percepção de Zé, ele apenas limpou a calçada na frente da sua casa do lixo deixado por pessoas em situação de rua. Esse foi o depoimento do Zé Ninguém, registrado na delegacia:

Moro num prédio de três andares, localizado numa esquina no norte da Cidade do Vale da Colina, no estado de Iguazu do Sul. O prédio é antigo, e os apartamentos do primeiro andar possuem uma sacada larga que circunda a frente de todo o edifício. Vivo num pequeno apartamento no segundo andar, com vista para a avenida movimentada que interliga a zona norte com a zona sul da cidade. A primeira coisa que percebi, naquele dia, quando abri a janela da cozinha, foi uma mosca zumbindo nos meus ouvidos; uma mosca grande, azul-esverdeada, brilhante. Era uma manhã de sol quente, de céu azul, sem uma nuvem. Saí para a rua para conferir minha caixa de correio, vazia como sempre, para depositar meu lixo no *container* e para irrigar as flores, que recém plantei frente à porta do prédio. Depois, olhando pros lados, notei, espalhadas pelo chão da calçada, sacolas de plástico de supermercado, rasgadas, coloridas e outras, pretas, de lixo, papel engordurado, fraldas, absorventes, papel higiênico usado, preservativos, máscaras PFF2, recipientes plásticos vazios, embalagens de alimentos, caixas de *pizza*, garrafas de bebidas, *containers* de plástico, copos de iogurte, caixas de leite, latas amassadas de alumínio, casca de ovo, batata, abóbora, bergamota, ossos roídos pelos cachorros, enfim, era um montão de lixo espalhado por toda a calçada. E inda havia mais imundícies. Na parede do prédio, debaixo da sacada, vi umas caixas grandes de papelão, rasgadas, quatro ou cinco, amontoadas e, por cima delas, um cobertor cinza-marrom, umas peças de roupa, abrigos, calças, tudo completamente molhado e sujo, pois a noite passada tinha chovido muito. Não vi ninguém, só vi um cachorro vira-lata, mastigando numa “*Pampers*”. Foi aí que decidi de limpar a sujeira cloacal, juntar todo o lixo, colocá-lo em sacos preto de plástico reciclado, passar uma vassoura na calçada, com bastante água, sabão em pó e cloro, para limpar a sujeira e eliminar o fedor. Deu quatro sacos grandes de lixo quando terminei.

Até aqui conhecemos agentes híbridos, lugares, amontoamentos, animamos pessoas, humanizamos animais, subjetivamos coisas, arqueologizamos lugares e coisas, substâncias, objetos e levamos nossa proposta a sério. Experimentamos com limites fluidos entre diversos agentes, até que chegamos a um limite que nos incomodou: o amontoado híbrido ocupando o espaço legal entre sítio arqueológico e lixão. Pensamos que a entidade híbrida entre sítio arqueológico e lixão deve ser discutida com a finalidade de criar discursos de formação de outras entidades híbridas que não sejam, novamente, dicotômicas entre: “Lixo ou luxo”.

UMA CONCLUSÃO

Preocupados com a fragilidade da definição de artefatos de origem antrópica ou de sítio arqueológico como categoria científica, jurídica, com seu valor histórico-cultural, como entidade patrimonial e de identidade nacional, o texto se amontoou e se formou em torno de duas concentrações: animismo como mediador e o conceito de hibridismo. Partimos, motivados pela curiosidade de conhecer explicações alternativas, tentando vencer os desafios, inicialmente formulados, e de ir até um certo limite de provocação.

Usamos aqui o exemplo extremo e de profunda conotação política do sítio arqueológico. Lixo *versus* patrimônio histórico-cultural-arqueológico (Terreno, 2022)⁶. Se levarmos essa ideia a sério, até as últimas consequências, isso automaticamente refletiria em diferenças perceptíveis, ou aproximáveis, para diversos contextos de análise, por exemplo, a pareidolia. Na internet existem diversos grupos de entusiastas da arqueologia que são irredutíveis quanto às suas interpretações de ecofatos, blocos sem alteração antrópica que, por ordem das intempéries, adquirem formas mais ou menos aproximáveis de contornos mais existentes em nosso subconsciente, do que estão ali projetados por outrem. Ai de quem, versado nas artes arqueológicas ou não, discorde ou desaponte suas expectativas. Isto é muito similar a diversas interpretações indígenas que fundamentam a criação de diversos topônimos – sempre embasados por mitos que contam a sua origem como intencionais – ou seja, artefatos, sem tirar nem pôr. Isto não significa que essa “arqueologia pareidólica” diga algo sobre os “povos de Ratanabá” que teriam produzido estes artefatos híbridos entre natureza e cultura – senão sua importância está em apontar justamente isso: em algum lugar da compreensão *jurua* existem ainda setores onde a natureza e a cultura permanecem intimamente conectadas. Da mesma forma, o oposto também é real: qualquer pesquisa arqueológica no interior, eventualmente, irá encontrar colecionadores de artefatos. Estas pessoas geralmente, de modo autodidata, aprenderam a identificar as *affordances* de artefatos que, de partida, não pertenciam a suas divisões herdadas de natureza e cultura; e, ao notar “que isto é feito”, conectam-se em sua predeterminação híbrida, atravessando milênios no simples gesto de acumular um museu particular. Estes xamãs-jurua que aprenderam com a natureza da cultura a culturalidade natural das entidades, não raro acumulam artefatos pareidólicos em coleções modernas, às vezes todas juntas e misturadas, no afã primeiro de fruir das suas conexões para consigo, do que de produzir um relato dessas experiências.

O mediador deste caos, na posição da observação animista, está na atividade xamânica. A pessoa responsável por interpretar as diferenças de perspectiva de modo a torná-las compreensíveis para quem, neste caso, está com a saúde afetada pelo desvio de interpretação, é especialista nisto.

Da mesma forma, a arqueologia perfaz uma espécie de xamanismo no sentido em que também faz a mediação entre entidades (chamadas aqui de artefatos e de sítios arqueológicos) que, ou são muito aparentados a objetos naturais, beirando a alcunha de ecofatos; a até implementos que possuem importante *affordance* compartilhada conosco ao ponto de o naturalizarmos tanto que se confundem com nossos próprios corpos. Assim como um xamã que remove pedrinhas e ossinhos através do sopro da fumaça ou da sucção bucal do corpo de alguém doente, a arqueologia identifica e explica a origem das evidências arqueológicas como uma doença que afeta um terreno, um empreendimento, uma pesquisa, um acervo, uma dúvida que tira o sono.

Essa ideia está indo longe demais? Pode ser, precisamos pensar melhor sobre esse assunto em outra ocasião. Pode ser que também tiraríamos um pouco do encanto da Arqueologia, da magia xamânica e do poder das pessoas da Arqueologia com nossa proposta de pensar, mas é só um exercício que agora não vamos colocar em prática. Ainda é a pessoa que pratica Arqueologia que decide o que é e o que não é cultura material arqueológica ou um sítio arqueológico, que deve ser cadastrado e tombado para fazer parte do patrimônio cultural brasileiro.

⁶ Infelizmente, nem todos concordam que “lixo-arqueológico” seja de interesse público e de grande valor histórico-arqueológico. Pessoas importantes e com grandes poderes políticos, até tomaram uma atitude de deboche e de abuso de poder, quando objetos arqueológicos foram encontrados durante a construção de um edifício na cidade de Rio Grande (RS) e o IPHAN mandou que a obra seja interrompida.

REFERÊNCIAS

- Appadurai, A. (1986). Introduction: Commodities and the Politics of Value. In Appadurai, A. (Org.). *The Social Life of Things: Commodities in Cultural Perspective* (p. 3–63). Cambridge: Cambridge UP.
- Barthes, R. (2003). *Mitologias*. Rio de Janeiro: DIFEL.
- Bird-David, N. (1999). ‘Animism’. Revisited. Personhood, Environment and Relational Epistemology. *Current Anthropology*, 46(1). 67-91.
- Brasil. (2010) *Lei n° 12.305/2010*. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/l12305.htm. Acesso em: 22 out. 2022).
- Brasil (2012) *Lei Federal n° 12.651/2012*. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12651.htm. Acesso em 22out. 2022.
- Caillois, R. (2018). *Steine*. München: Carl Hanser Verlag.
- Campos, L. C. S. (2018). Sítio Arqueológico. In Grieco, B. & Teixeira, L. & Thompson, A. (Org.). *Dicionário IPHAN de Patrimônio Cultural*. Rio de Janeiro, Brasília: IPHAN/DAF/Copedoc, (verbete).
- Canetti, E. (2013). *Massa e Poder*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Cohen W. A. & Johanson, R. (Org.). (2005). *Filth: Dirt, disgust, and modern life*. Minnesota: University of Minnesota Press.
- Darwin, C. (1872). *The Expression of the Emotions in Man and Animals*. London: John Murray.
- Descola, P. (1994). *In the Society of Nature: A Native Ecology in Amazonia*. Cambridge: University of Cambridge Press.
- Droit, R-P. (2003). *Dernières nouvelles des choses. Une expérience philosophique*. Paris: Odile Jacob.
- Gell, A. (1998). *Art and Agency: An Anthropological Theory*. Oxford: Clarendon Press.
- Gibson, J. J. (1979). *The Ecological Approach to Visual Perception*. Boston: Houghton Mifflin Harcourt.
- Haraway, D. J. (2003). *The Companion Species Manifesto: Dogs, People, and Significant Otherness*. Chicago: Prickly Paradigm Press.
- Hilbert, K. (2020). *Ossos do ofício: Arqueologia na prática*. Curitiba: Appris.
- Hornborg, A. (2006). Animism, fetishism, and objectivism as strategies for knowing (or not knowing) the world. *Ethnos*, 71(1). 21–32.
- Husserl, E. (1985). *Die phänomenologische Methode*. Stuttgart: Klaus Held.
- Ingold, T. (2000). *The perception of the environment: Essays on livelihood, dwelling and skill*. London: Routledge.
- Lakoff, G. & Johnson, M. (1980). *Metaphors we live by*. Chicago: University of Chicago Press.
- Latour, B. (1991). *Nous n'avons jamais été modernes. Essai d'anthropologie symétrique*. Paris: La Découverte.
- Latour, B. (2009). Perspectivism: ‘type’ or ‘bomb’. *Anthropology Today*, 25(2). 1–2.
- Levi-Strauss, C. (1989). *O Pensamento Selvagem*. Cananéia: Papyrus.

- Lorenz, K. (1993). *Os fundamentos da etologia*. São Paulo: UNESP.
- Mayhew, H. (2009). *London Labor and the London Poor: A cyclopedia of the condition and earnings of those that will work, those that cannot work, and those that will not work*. New York: Cosimo Classics.
- Olsen, B. (2010). *In Defense of Things: Archaeology and the Ontology of Objects*. Walnut Creek: AltaMira Press.
- Pompeu, F. & Hilbert, K. (2020). Nossas outras arqueologias até as últimas consequências. *Vestígios*, 14(1). 115–139.
- Pompeu, F. (2022). *O badalo*. Manuscrito.
- Rathje, W. & Murphy, C. (2001). *Rubbish! The Archaeology of Garbage*. Tucson: The University of Arizona Press.
- Soentgen, J. (1996). *Das Unscheinbare: Phänomenologische Beschreibungen von Stoffen, Dingen und fraktalen Gebilden*. Berlin: Akademie.
- Soentgen, J. (2018). *Ökologie der Angst*. Berlin: Matthes & Seitz.
- Terreno da Havan no RS tinha 20 peças arqueológicas de até 2 mil anos. Disponível em: <https://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/2021-12-18/terreno-havan-pecas-arqueologicas.html>. Acesso em: 22 out. 2022.
- Thompson, M. (1979). *Rubbish Theory. The creation and destruction of value*. Oxford.
- Tocchetto, F. B. (2010). *Fica dentro ou joga fora? Abre práticas cotidianas na Porto Alegre oitocentista*. São Leopoldo: Oikos.
- Uexküll, J. von. (1940). The Theory of Meaning. *Semiotica*, 42. 25–82.
- Viveiros de Castro, E. (2004). The Transformation of Objects into Subjects in Amerindian Ontologies. *Common Knowledge*, 10(3). 463–484.
- Viveiros de Castro, E. (2014). Multinaturalismo e Perspectivismo na América indígena. In Viveiros de Castro, E. *A Inconstância da Alma Selvagem e outros ensaios de Antropologia* (p. 225-252). São Paulo: Cosac & Naify.
- Waldman, M. (2021). The Silenced Garbage: The incomplete congruency between physical and imaginary worlds. *Academia Letters*, Article 3292, 2021.
- Weber, H. (2014). Abfall. In Samida, S. & Eggert, M. K. H. & Hahn, H.-P. (Org.). *Handbuch Materielle Kultur. Bedeutungen, Konzepte, Disziplinen* (p. 157-165). Stuttgart. Weimar: Verlag J. B. Metzler.
- Wilk, R. & Schiffer, M. B. (1979). The Archaeology of Vacant Lots in Tucson, Arizona. *American Antiquity*, 44(3). 530–536.

